

TRÊS VERSÕES PARA O ASSASSINATO DE GIBBERTA SALCE: A ANÁLISE DO DISCURSO NO JORNALISMO E NA ARTE

THREE VERSIONS FOR THE MURDER OF GIBBERTA SALCE:
DISCOURSE ANALYSIS IN JOURNALISM AND ART

TRES VERSIONES PARA EL ASESINATO DE GIBBERTA
SALCE: ANÁLISIS DEL HABLA EN PERIODISMO Y EN ARTE

*Arthur Vinicius Anoroza NUNES**

Resumo: Este trabalho analisa três versões diferentes para o assassinato da transexual brasileira Gisberta Salce. O objetivo é averiguar como a morte de Gisberta foi transformada em discurso a partir das narrativas do campo jornalístico, por meio da análise de uma reportagem, e do campo da arte, por meio da análise de um poema e de uma música. Recorreu-se ao método de pesquisa bibliográfica e análise dos discursos e buscou-se averiguar como questões como transexualidade, soropositividade e marginalização foram abordadas discursivamente a partir da história da brasileira.

Palavras-chave: Discurso; Transexualidade; Soropositividade; Transfobia.

Abstract: This research analyses three different versions for the murder of Brazilian transexual Gisberta Salce. The goal is to find out how Gisberta's death was transformed into discourse from three different narratives: the discourse of journalism, through a reportage, and the discourse of art, through a poem and a song. The methodology was bibliographic research and discursive analysis and it was investigated how questions like transsexuality, seropositivity and marginalization were transformed into discourse.

Keywords: Discourse; Transsexuality; Seropositivity; Transphobia.

Resumen: Este trabajo analiza tres versiones diferentes del asesinato de la transexual brasileña Gisberta Salce. El objetivo es conocer cómo la muerte de Gisberta se transformó en un discurso basado en narrativas en el campo periodístico, a través del análisis de un reportaje, y en el campo del arte, a través del análisis de un poema y una música. Recurrimos al método de la investigación bibliográfica y el análisis del

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do professor Dr. Atilio Butturri Junior. É mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018) e possui graduação em Letras (Português/ Inglês) pela Universidade de Taubaté (2010). Contato: arthur_anunes@hotmail.com.

discurso y buscamos averiguar cómo se abordaron discursivamente temas como la transexualidad, la seropositividad y la marginación desde la historia de Brasil.

Palabras clave: Habla; Transexualidad; Seropositividad; Transfobia.

Introdução

Em 2018, o poeta Ramon Nunes Mello organizou um livro que reuniu diferentes sujeitos para falar sobre o hiv e a aids¹. Independentemente de suas sorologias, os poetas se lançaram num projeto em que a arte discursivizava sobre a vida e onde o próprio Mello destacava o interesse em averiguar de que maneira a linguagem poética poderia contribuir para narrar o vírus de uma perspectiva própria.

Assim, o objetivo deste trabalho é investigar como os discursos sobre o sujeito soropositivo foram elaborados a partir de três leituras de uma mesma narrativa: a morte de Gisberta Salce Júnior – brasileira, soropositiva, transexual, imigrante ilegal e sem-teto – que, depois de desenvolver problemas relacionados à aids e de não conseguir mais se sustentar na cidade do Porto, em Portugal, onde morava, ficou vivendo em situação de rua num prédio abandonado, até que um grupo de estudantes portugueses, que frequentavam uma instituição católica, encontraram-na quando invadiram o local para pichar os muros. Gisberta foi torturada e violentada por cerca de três dias pelos jovens até ser morta. O caso virou símbolo de luta contra a transfobia no país lusitano. Meu intuito é mostrar quais enunciados foram usados para se referir à história da brasileira a partir de dois campos distintos: do jornalismo e da arte.

A metodologia consiste em pesquisa bibliográfica, na qual buscarei apontar alguns conceitos relevantes para um trabalho de análise do discurso que se fundamente numa perspectiva arqueológica, seguida de análise do *corpus*, onde me debruçarei sobre os discursos produzidos pelo campo jornalístico, por meio de uma reportagem do site da BBC Brasil, que se refere ao caso de Gisberta, em comparação

¹ Pela palavra aids em letras minúsculas, recorro ao argumento do autor Hebert Daniel: “[...] uso a palavra em minúsculas para chamar a atenção para este significante que quer dizer muito mais do que a doença indicada com a sigla AIDS” (DANIEL, 1990, p. 31).

com os discursos do campo da arte, de onde analisarei a canção “Balada de Gisberta”, na voz de Maria Bethânia, e o poema “Acto de fé”, de Ramon Nunes Mello.

A justificativa deste estudo diz respeito à necessidade de pesquisas que versem sobre a questão do hiv hoje. Falar sobre o vírus e o sujeito soropositivo numa era pós-TARV², onde cada vez mais se delinea uma perspectiva de cronicidade aos sujeitos portadores do hiv, tornou-se fundamental. Acredita-se ser relevante pensar como esses sujeitos – atravessados por uma memória da aids recente, mas, ao mesmo tempo, inseridos em novas possibilidades de subjetivação decorrentes da perspectiva de cronicidade do hiv – são discursivizados a partir de campos do saber diferentes daqueles que historicamente se ocuparam a falar do vírus, como a medicina ou a biologia.

1 Por uma arqueologia do saber

As discussões apresentadas nesta seção são resultado dos debates realizados na disciplina de “Tópicos Especiais em Estudos do Discurso I”, no 1º semestre de 2019, no programa de pós-graduação em Linguística da UFSC, sob a regência do professor Pedro de Souza. As aulas a que me refiro aqui foram conduzidas com base nos textos reunidos em *Arqueologia do saber* (2008).

O conceito de arqueologia aparece relacionado à ideia de arquivo. Segundo à analogia ao termo, “escava-se” para chegar a um dado discurso, que aparece como intrinsecamente associado a determinado campo do saber. Para Foucault, opera-se sobre esse campo, no qual o próprio discurso aparece como responsável por instituí-lo. O processo de pesquisa segundo uma arqueologia do saber se ampara, portanto, numa metodologia que visa descrever o arquivo das coisas ditas, associado a um procedimento de produção de discursos, que por sua vez é indissociável das relações de poder e das relações de produção de sujeito. O filósofo francês uniria a ideia de

² Terapia antirretroviral: De acordo com o “Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para manejo da infecção pelo hiv em adultos”, do antigo Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais, do antigo Ministério da Saúde brasileiro, a TARV oportunizou, nos últimos anos, uma redução da morbimortalidade nos casos de hiv. No entanto, doenças cardiovasculares, hipertensão e diabetes se tornaram mais prevalentes entre pessoas com hiv fazendo uso da TARV (BRASIL, 2017).

discurso à ideia de função de existência, de modo a nos conduzir ao seguinte questionamento: como as coisas puderam ser ditas? Ou, segundo o próprio Foucault, “[...] como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (2008, p.30). Não se trata de olhar unicamente para o objeto, mas sim para o próprio fenômeno que toma a coisa por objeto. Trata-se de operar com as coisas ditas como modo de fazer as coisas do mundo existirem. Vale ressaltar também que, ao usar o termo enunciado, o filósofo o coloca no mesmo campo conceitual do discurso, diferente da proposição, que estaria associada à lógica, ou da frase, que estaria associada à gramática.

Foucault rejeita certos domínios constituídos nos campos do saber, como os aspectos relativos à continuidade, à tradição, à influência. Segundo o filósofo, “É preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares” (FOUCAULT, 2008, p. 24), visando buscar nessa história novas visibilidades e novos dizeres: “[...] sacudir a quietude cora a qual as aceitamos. [...] mostrar que elas são sempre o efeito de uma construção” (FOUCAULT, 2008, p. 28). Sendo assim, torna-se fundamental perceber o discurso a partir de um a priori estabelecido justamente nesse campo do saber no qual é formulado, e não como uma verdade absoluta.

Foucault conceitua o enunciado como “[...] a unidade elementar de um discurso” (FOUCAULT, 2008, p. 90), que caracteriza como “um modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material)” (FOUCAULT, 2008, p.97). Ele reafirma essa singularidade dizendo que “Um enunciado não tem diante de si um correlato ou um referente [...]. Está antes ligado a um ‘referencial’ que [...] é constituído [...] de leis de possibilidade” (FOUCAULT, 2008, p. 103). Assim, trata-se de observar as relações de singularidade que ocorrem a partir dessa possibilidade de existência. O filósofo dirá que todo enunciado “[...] tem sempre margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, 2008, p. 110), o que o leva a enquadrar a categoria de enunciado numa dada série. Não haveria a possibilidade de um enunciado livre, independente e neutro, “[...] mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, [...] neles se apoiando e deles se distinguindo” (FOUCAULT, 2008, p. 110).

Ao falar do correlato do enunciado, ele se refere ao referencial espaço-temporal e histórico que permite o enunciado surgir a partir de

um campo de possibilidades. Já no que se refere ao sujeito, percebe-se que o enunciado liga aquilo que se enuncia ao sujeito enunciante. Ou, como o próprio Foucault ressalta, “Não há signos sem alguém para proferi-los” (FOUCAULT, 2008, p. 104), o que nos leva a concluir, a partir das considerações do filósofo e da fala do professor Pedro de Souza, é justamente que não há sujeito a não ser pela via da linguagem.

1.1 Dispositivo, subjetividades e formas de subjetivação

Já a partir das considerações de Foucault (2007) e Agamben (2009), proponho o conceito de dispositivo como sendo um conjunto heterogêneo constituído por discursos, instituições, proposições filosóficas e morais, leis, estruturas arquitetônicas, formando assim uma rede estabelecida entre todos esses elementos. O dispositivo pode ser constituído por meio de elementos linguísticos e não-linguísticos, possui uma função estratégica e responde a uma certa urgência num determinado momento da história. Trata-se da relação que se estabelece entre os viventes e o mundo que os açambarca.

Agamben ainda considera o dispositivo como “[...] aquilo em que e por meio do qual se realiza uma atividade de governo no ser, o que implicaria um processo de subjetivação que consiste justamente na produção de sujeitos” (2009, p. 40). Para o filósofo italiano, o dispositivo poderia ser considerado como “[...] qualquer coisa que tenha a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (2009, p. 40). Considero o hiv e a aids como resultantes de um dispositivo marcadamente biopolítico.

Faço notar ainda que, pelos conceitos de subjetividade e formas de subjetivação, me refiro à formação de dois processos que se relacionam diretamente ao sujeito e que se inserem dentro dos dispositivos que os engendram. Trata-se de observar nestes processos não apenas como o sujeito é constituído, açambarcado, transformado em discurso, mas sim as diferentes formas de um constituir-se a si mesmo. O sujeito, resultante da sujeição as forças históricas e das relações de poder/saber, é também capaz de se relacionar com novas forças, constituindo-se de novos meios. Pelas forças externas que codificam os sujeitos dentro de determinados dispositivos vemos o conceito de subjetividade. Já pelas forças internas que resultam na

criação de novos modos de um constituir-se a si próprio vemos as formas de subjetivação. Todas essas forças que se impõem aos sujeitos dentro das relações de poder/ saber são consideradas, a partir de uma visão foucaultiana, como sendo de ordem histórica (BUTTURI JUNIOR, 2016); (NUNES, 2017), a partir da qual constatei inúmeros deslocamentos que incidiram sobre os sujeitos soropositivos, seus corpos e suas subjetividades.

2 Análise discursiva da morte de Gisberta Salce: do discurso jornalístico ao discurso da arte

Começemos pela matéria da BBC Brasil intitulada “A brasileira que virou símbolo LGBT e cujo assassinato levou a novas leis em Portugal”, escrita por Mamede Filho, em fevereiro de 2016. A hipótese que investigo é a de que a brasileira transformou-se naquilo que Foucault (2005) conceitua como um sujeito matável, indivíduo que, por determinadas razões, é lançado à morte física e social: “Gisberta transformou-se em símbolo da discriminação múltipla: imigrante ilegal, transexual, prostituta, sem-teto e soropositiva” (FILHO, 2016).

Diante das características que definem Gisberta enquanto sujeito, me proponho a tratar do conceito de racismo, tal como formulado por Foucault (2005). O filósofo se refere ao termo de um jeito mais amplo, não tratando unicamente das formas de discriminação e preconceito sofridas pelo povo negro, mas referindo-se às raças em geral. Foucault dirá que o racismo é um “meio de introduzir um corte [...] entre o que deve viver e o que deve morrer. [...] uma maneira de fragmentar esse campo biológico de que o poder se incumbiu” (FOUCAULT, 2005, p. 304). Quando o filósofo se refere à morte, ele lembra que por morrer não entende apenas o assassinio, mas tudo aquilo que pode expor o indivíduo à morte, ou aquilo que leve ao risco de morte, ou ainda aquilo que chama de morte política, rejeição e exclusão do sujeito em sociedade: “O racismo vai permitir [...] uma relação do tipo biológico: quanto mais as espécies inferiores tenderem a desaparecer, [...] menos degenerados haverá em relação à espécie” (FOUCAULT, 2005, p. 306). Assim, ao eliminar o anormal, cria-se a ideia de uma natureza sadia, em que o sujeito se defrontaria com um processo onde “[...] mais eu – não enquanto indivíduo mas

enquanto espécie – viverei, mais forte serei, mais poderei proliferar”. (FOUCAULT, 2005, p. 306). Assim, o filósofo constata a legitimidade para a existência do sujeito matável em sociedade, no sentido de que “[...] a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral, mais sadia e mais pura.” (FOUCAULT, 2005, p. 306)

A reportagem recorre a dados biográficos de Gisberta para narrar sua trajetória desde os tempos que vivia no Brasil: nascida em São Paulo, chamava-se Gisberto e era caçula de uma família com oito filhos. Desde a infância, já demonstrava que estava num corpo que não era correspondente a sua identidade de gênero. Depois que seu pai morreu, confessou a sua família que desejaria ser uma mulher e aos 18 anos, como medo da violência contra transexuais na capital paulista, se mudou para a França. Depois de realizar tratamento hormonal e fazer implante de silicone nos seios, Gisberta se mudou para o Porto, onde fazia apresentações de transformismo em bares e boates da cena gay local, porém, acabou tendo que recorrer também à prostituição já que sua vida como artista não lhe possibilitava arcar com todas as suas contas e despesas.

No entanto, a vida de Gisberta mudou drasticamente: “Os sinais de que era portadora do HIV impossibilitaram a brasileira de se sustentar pela prostituição. O nome masculino e o corpo de mulher impossibilitavam que obtivesse trabalho” (FILHO, 2016). Desempregada, Gisberta não conseguiu renovar o visto e passou a ser considerada imigrante ilegal. Sem dinheiro, foi obrigada a deixar o apartamento que morava. Depois de passar em alguns hospitais para tratar dos sintomas da aids, encontrou abrigo em um prédio abandonado, até que três adolescentes passaram a frequentar o local para pichar as paredes.

O texto continua a narrar sobre sua posição marginal, sujeita à morte social diante da exclusão e da rejeição a que é submetida: “os garotos contaram a colegas sobre Gisberta [...]. As visitas, que até então eram solidárias, transformaram-se num incompreensível ato de violência extrema e gratuita.” (SILVA, 2016). 14 jovens, entre 12 e 16 anos, se revezavam para espancar, violentar e humilhar Gisberta. A brasileira foi torturada por três dias “com o uso de pedaços de madeira e teve o corpo queimado com cigarros. Entre 21 e 22 de fevereiro, os jovens voltaram ao prédio. A brasileira não respondia a qualquer

estímulo.” (SILVA, 2016). Então, ao julgarem que estava morta, decidiram desaparecer com o corpo, jogando-o num poço fundo.

A matéria comenta que no dia seguinte de sua morte, os jornais locais falavam de Gisberta como o “travesti” ou o “imigrante sem-teto”, mas que, nos meses seguintes, em decorrência das ações promovidas pelas associações de defesa dos direitos dos homossexuais, que organizaram manifestações pelo país e que fizeram vigília em frente ao prédio abandonado em que Gisberta foi assassinada, o modo de discursivizar sobre ela foi ganhando um tom mais humanitário. Vejamos o exemplo do relato de Sérgio Vitorino, do movimento social *Panteras Rosa*, relatado na matéria da BBC:

No começo, para a imprensa a Gis era 'o Gisberto', um trans soropositivo morto. Não havia fotos dela nas reportagens, apenas os estereótipos. Nós fizemos uma campanha, conseguimos fotos e distribuimos para os jornais e TVs. Foi assim que ela ganhou uma cara, foi humanizada e passou a ser tratada melhor com o passar dos meses (FILHO, 2016).

Neste trecho, torna-se visível o caráter matável de sua subjetividade trans. Se no início Gisberta era apenas um homem trans soropositivo morto, constituído apenas por estereótipos, depois de divulgarem suas fotos para a imprensa, conferiram-lhe uma nova subjetividade: não mais o transexual soropositivo, mas alguém com uma história e com direito a uma dignidade que não lhe foi permitida em vida.

Vejamos agora um trecho da canção “Balada de Gisberta”, interpretada por Maria Bethânia e composta pelo português Pedro Abrunhosa: “Perdi-me do nome/ [...] Dancei em palácios/ Hoje danço na rua/ Vesti-me de sonhos/ Hoje visto as bermas da estrada/ De que serve voltar/ Quando se volta para o nada” (BETHÂNIA, 2010)

A subjetividade da transexual é marcada no discurso da artista a partir do momento em que ela discursiviza em primeira pessoa. Percebe-se, logo no primeiro verso da canção, a referência à mudança de nome – de Gisberto para Gisberta – e toda mudança que daí decorreu: da prostituição às performances na cena gay de Porto, das dificuldades diante da manifestação da aids ao abandono como moradora sem-teto. Percebemos também as referências encontradas em sua biografia que dizem respeito ao medo que sentia da violência que

poderia sofrer em São Paulo por ser transexual. Afinal, pertencente a categoria do sujeito matável, é difícil encontrar um lugar seguro territorialmente tendo em vista que sua exclusão e rejeição aparecem marcadas em sua subjetividade marginal. Continuemos:

Eu não sei se um Anjo me chama/ Eu não sei dos mil homens na cama/ E o céu não pode esperar/ Eu não sei se a noite me leva/ Eu não ouço o meu grito na treva/ O fim quer me buscar/ [...] Escrevi o desejo/ Corações que já esqueci/ Com sedas matei/ E com ferros morri/ E o amor é tão longe/ O amor é tão longe (BETHÂNIA, 2010).

Nos versos, vemos o que seria uma possível reação da transexual nos momentos finais de sua morte: a sensação de confusão diante do abandono, da dor, da impotência em se mover diante dos 14 jovens e a não capacidade de discernimento entre vida e morte numa condição em que sua própria vida é marcada por um insistente processo de desumanização. Segundo a reportagem escrita por Mamede Filho:

A autópsia do corpo da brasileira confirmou lesões na cabeça, pescoço, membros inferiores e superiores, laringe e traqueia, abdômen, intestinos e rins. Além disso, identificou múltiplas equimoses, infiltrações hemorrágicas, escoriações e infiltrações sanguíneas. Mas a causa mortis foi afogamento, o que ajudou os acusados. "O juiz disse, textualmente, que o assassinato foi 'uma brincadeira de mau gosto de crianças que fugiu ao controle'. Gisberta foi amarrada em um pedaço de madeira e atirada ao fosso, mas o julgamento, no fim, determinou que quem a matou foi a água, e não as pessoas que a atiraram lá", recorda Vitorino. (FILHO, 2016).

Entre o discurso da vida e o discurso da arte, o que fica nítido é a capacidade da arte em amenizar o tom de violência da vida real, no qual “múltiplas equimoses, infiltrações hemorrágicas, escoriações e infiltrações sanguíneas” (FILHO, 2016) se transformam em um “ Eu não ouço meu grito na treva” (BETHÂNIA, 2010), sugerindo justamente a impossibilidade de compreensão do mundo/ treva, que ameaça, expulsa, rejeita e assassina violentamente os sujeitos destinados a cumprir sua sina de morte. Afinal, “ O amor é tão longe/ o

amor é tão longe/ o amor é tão longe” (BETHÂNIA, 2010). Percebemos, por fim, que dentro daquilo que a própria arte lhe possibilita enunciar, que há uma tentativa diferente da que é posta pela reportagem do jornal, já que deseja enunciar um outro território que lhe poderia ser possível, assinalado pela passagem da morte a um lugar em que um anjo lhe chama.

Vejamos a última análise: um poema extraído do livro “Tente entender o que tento dizer – poesia + hiv/ aids”, organizado pelo poeta Ramon Nunes de Mello, que é uma coletânea de poemas que aborda a temática do hiv e da aids. O poema se intitula “Acto de fé”: “22 de fevereiro de 2006/ na cidade do porto/ gisberta salce júnior/ 45 anos mulher transexual/ soropositiva/ torturada por três dias/ pedradas pauladas chutes/” (MELLO, 2018, p. 201)

O eu-lírico, ao transformar o fato em poema, constrói um texto literário dialogando com os textos informativos da esfera jornalística. Não por acaso, vemos o poema responder as cinco perguntas do *lide*: o que, quem, onde, quando e como. No entanto, os versos poéticos imprimem uma sensibilidade ainda maior, por denunciarem a hipocrisia dos jovens católicos, marcados tanto no título *acto de fé*, como no uso da expressão *amém* ao final do poema: “afogou-se na violência e no preconceito/ em nome do pai do filho e do espírito santo/ de 14 jovens católicos/ no poço/ fundo/ sem fim/ amém” (MELLO, 2018, p. 201).

Os enunciados do poema permitem uma leitura menos otimista acerca da realidade dos pacientes de hiv, uma vez que vemos um discurso de segregação, estigma e preconceito associado ao vírus, ainda muito comum na vida dos pacientes soropositivos. Ao se aproximar da linguagem jornalística e narrar o caso em forma de verso, o poeta ressignifica as formas tradicionais dos gêneros poema e notícia, transformando o fato noticiado pela mídia tradicional numa denúncia da hipocrisia vigente em grande parte das sociedades, onde a subjetividade do transexual, por si só, já o coloca na posição de sujeito matável, tal como argumentou Foucault (2005). Ao contrário do texto de Bethânia, que ameniza o peso da linguagem jornalística ao substituir termos técnicos relativos à violência sofrida por Gisberta por figuras de linguagem, por exemplo, o texto de Ramon não evita o confronto direto com a linguagem do campo jornalístico, como se vê

nos versos da segunda estrofe, que narram os episódios de violência sofridos pela brasileira nos últimos momentos de sua vida.

Considerações finais

Esta pesquisa buscou compreender de que modo o assassinato de Gisberta Salce foi discursivizado a partir do campo da arte e do campo do jornalismo. Partindo da ideia de que os sujeitos e saberes são resultantes de campos do saber/ poder historicamente constituídos, tal como comenta Foucault (2008), foi meu objetivo averiguar como que os discursos produzidos a partir da morte da brasileira foram possíveis, sobretudo entendendo sua subjetividade transexual como sujeito matável, atravessada e constituída por tantas outras categorias subjetivas, como soropositiva, sem-teto e imigrante ilegal.

As análises demonstraram diferenças no modo de produzir enunciados conforme se tratava do campo da arte, ou do jornalismo. Enquanto a linguagem jornalística se apoiava discursivamente nos pequenos detalhes, recorrendo inclusive à linguagem técnica das autópsias, a linguagem da arte faz um uso muito maior da linguagem figurada, recorrendo a metáforas, por exemplo, como quando Bethânia enuncia repetidamente no refrão “O amor é tão longe” (BETHÂNIA, 2010). Já no poema de Ramon, mais próximo da linguagem jornalística, sem, no entanto, perder o tom poético de sua enunciação, denuncia a hipocrisia de certos grupos que se escondem por detrás de rótulos religiosos mas que, ao contrário do que pregam, cometem as maiores atrocidades contra aqueles que consideram “imorais” ou dignos da morte física e social tal como comenta Foucault (2005): uma vez que esses sujeitos, ao se verem privados de sua dignidade, passam a ter uma legitimidade para morrer, tanto física, quanto socialmente.

Apesar da singularidade de cada enunciado, averigou-se que eles se enquadram numa dada série. No caso da transexualidade, percebe-se uma série discursiva que ainda insiste em aproximar o sujeito transexual à categoria de sujeito matável. Tal constatação nos leva a dizer que dentro da perspectiva crônica que se delineia aos portadores de hiv hoje, ainda há discursos que mantêm viva uma memória da aids como sentença de morte, assim como ainda há discursos que insistem em tirar toda a dignidade desses sujeitos sob a alegação de que, por serem quem são, merecem morrer. Dentro daquilo

que conceituo neste trabalho como um dispositivo do hiv ou da aids, foi perceptível a insistência de uma dada série discursiva que aproxima o sujeito portador de hiv à categoria de um sujeito matável. Cabe a nós, enquanto sociedade, lutar para que essa memória seja ressignificada e para que esses sujeitos tenham seu direito à vida assegurado.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é dispositivo. In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BRASIL. **Protocolo Clínico e diretrizes terapêuticas para manejo da infecção pelo HIV em adultos**. Brasília: 2017.

BETHÂNIA, Maria. **Festa, Amor, Devoção**. Rio de Janeiro: Biscoito fino, 2010.

BUTTURI JUNIOR, A. A autoria, o dispositivo e a ética: os limites da (des)subjetivação na escrita. **Alfa**, São Paulo, v. 60, n. 3, p. 507-530, 2016

DANIEL, Hebert. O primeiro AZT a gente nunca esquece. **ABIA**: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, Rio de Janeiro, boletim n. 11, jul. 1990.

FILHO, Mamede. A brasileiro que virou símbolo LGBT e cujo assassinato levou a novas leis em Portugal. In: **BBC Brasil**. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160218_brasileira_lgbt_portugal_mf>. Acesso em: 01 set. 2019

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, genealogia do poder; Por uma genealogia do poder; Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Edições Graal, 2007

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no college de France (1975-1976)**. Tradução de Maria Ermentia Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MELLO, Ramon Nunes (Org.). **Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv/ aids**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2018.

NUNES, Arthur. **A resignificação discursiva do hiv e a (des)subjetivação do sujeito soropositivo**. 218 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

Recebido em: 01/10/2019

Aceito em: 02/12/2019